

A P R E S E N T A Ç Ã O

Em 2008, o Arquivo Nacional organizou um seminário internacional – O império nos trópicos – com o intuito de refletir sobre a nascente “civilização brasileira” e as concepções a respeito da natureza, história e território que nortearam a ideia de nação que se pretendia construir entre os anos de 1808 e 1889.

Este número da *Acervo* reúne na forma de artigos as conferências e palestras apresentadas por especialistas na história do Brasil oitocentista, que discutiram, ao longo de três dias de encontros, aspectos definidores daquela sociedade e daquele tempo.

As conferências proferidas durante o seminário constituem os artigos iniciais desta revista. O professor Francisco Falcon aborda em seu texto as múltiplas heranças deixadas pelo século XIX ao XX nos campos da economia, tecnologia, ideologia, entre outros, e as perspectivas historiográficas. O artigo de Lilia Schwarcz discute a elevação da natureza como paisagem idealizada e moral, presente nas obras dos pintores do período joanino, em

especial Nicolas-Antoine Taunay. Leslie Bethell examina em seu texto o predomínio e influência britânicos em diversos aspectos da vida do Império, sobretudo no comércio, economia e desenvolvimento da infraestrutura do país.

As leituras oitocentistas foram abordadas pelos artigos de Valdeci Lopes de Araújo e Lucia Maria Paschoal Guimarães que apresentam, respectivamente, um mapeamento dos usos e formas da escrita da história do Brasil e uma discussão da noção de continuidade na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, autor da primeira *História geral do Brasil*.

A chegada da fotografia nos salões do Império foi um importante acontecimento e um indicativo da modernidade almejada pela nova nação. O artigo de Boris Kossoy traz uma outra dimensão desse evento ao registrar, por meio da história fascinante de fotógrafos desconhecidos e suas artes, o cotidiano das províncias afastadas da Corte e suas clientelas simples e edificações menos pomposas, mas também imprescindíveis

para a formação de uma memória visual dos cenários e personagens do Brasil.

A coleção de arte que constitui o acervo dos museus Castro Maya serve de base para a discussão que Anna P. Baptista desenvolve acerca do lugar da arte do século XIX e as vertentes da produção artística desse período identificadas nessa coleção.

A arquitetura oitocentista é tratada no artigo de Fania Fridman a partir da análise da urbanização fluminense vinculada à estrutura social e fundiária, na qual o capital inglês já se fazia sentir e cujos resultados se manifestaram na morfologia e na política de gestão do território. A influência dessa nova organização do espaço urbano nos hábitos e condutas normatizados pela medicina higienista é o tema do artigo de Flávio Edler, que traça um cenário de como as leis da higiene procuravam reordenar as relações sociais herdadas do período colonial para um novo modelo organicista e profilático.

O século XIX significou um grande esforço na direção da modernização do país. No campo das ciências e da natureza, as expedições científicas se revestem de um sentido não mais voltado para a exploração de um exotismo, mas para o conhecimento. Com essa perspectiva, Heloisa Bertol Domingues analisa os diferentes ramos das ciências naturais e a definição do homem pelo espaço em que vivia. O Império testemunha a presença no Brasil de renomados exploradores, como

Francis de Castelnau, e a dupla Johann Baptist von Spix e Karl von Martius, imbuídos de descrever a natureza e a terra brasileiras. Karen Macknow Lisboa discorre sobre as relações que se estabelecem entre os naturalistas e seu objeto, e os sentimentos evocados pela natureza, na obra *Viagem ao Brasil*, de Spix e Martius.

As discussões acerca da escravidão e dos significados da liberdade aparecem no artigo de Gabriela Sampaio, que analisa o cotidiano de trabalhadores libertos que migraram entre os núcleos urbanos da Bahia e do Rio de Janeiro, e na resenha do livro de Ricardo Salles sobre o impacto da Lei do Ventre Livre no Vale do Paraíba fluminense. Essa temática suscitou acalorados debates acerca do papel e do protagonismo dos escravos na obtenção de avanços e conquistas em um mundo marcado pela violência.

Por fim, apresentamos o perfil institucional de duas casas fundadas no mesmo ano de 1838, ambas com a difícil mas fundamental missão de reunir os documentos necessários para a escrita da história do Brasil e para a construção do passado e da identidade da nação. Falamos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Arquivo Nacional (então Arquivo Público do Império), que no ano de 2008 celebraram 170 anos de existência e de contribuição intelectual para o estudo da história luso-brasileira, que quisemos, com a realização do seminário e a publicação de seus resultados, também comemorar.

Maria Elizabeth Brêa Monteiro
Renata William Santos do Vale